

O PACTO DO DIABO

Roger Moorhouse

O pacto do diabo

A aliança de Hitler com Stálin, 1939-1941

TRADUÇÃO
Berilo Vargas



Copyright © 2014 by Roger Moorhouse

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Devils' Alliance: Hitler's Pact with Stalin, 1939-41

Capa

André Kavakama

Fotos de capa

Ióssif Stálin © Contributor/ Getty Images

Adolph Hitler © Stringer/ Getty Images

Preparação

Fernanda Mello

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Angela das Neves

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moorhouse, Roger

O pacto do diabo : a aliança de Hitler com Stálin, 1939-1941
/ Roger Moorhouse ; tradução Berilo Vargas. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2021.

Título original: The Devils' Alliance : Hitler's Pact with
Stalin, 1939-41

Bibliografia.

ISBN 978-85-470-0119-3

1. Alemanha — Relações internacionais — União Soviética
2. Guerra Mundial, 1939-1945 — História diplomática 3. União
Soviética — Relações internacionais — Alemanha I. Título.

20-49520

CDD-940.5324

Índice para catálogo sistemático:

1. Hitler : Stálin : Guerra Mundial : História
diplomática 940.5324

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Para minha mãe e à grata memória de meu pai

Sumário

<i>Nota do autor</i>	9
<i>Mapas</i>	10
<i>Cronologia</i>	17
<i>Introdução</i>	21
<i>Prólogo: Um encontro na fronteira da paz</i>	27
1. A poção do diabo	35
2. Gravada a sangue.....	64
3. Divisão do espólio.....	96
4. Desvios	131
5. Uma corte rude e incerta	165
6. Lubrificando as engrenagens de guerra	192
7. Camarada “Cu de Pedra” no covil da fera fascista	224
8. Montando no tigre nazista.....	247
9. Não há honra entre ladrões	284
<i>Epílogo: Vida após a morte</i>	321
<i>Apêndice: Texto do Pacto Nazi-Soviético de Não Agressão</i>	331

<i>Créditos das imagens</i>	335
<i>Agradecimentos</i>	337
<i>Notas</i>	339
<i>Referências bibliográficas</i>	375
<i>Índice remissivo</i>	385

Nota do autor






É sempre um desafio tentar compreender a areia movediça dos topônimos da Europa Oriental. Para este livro, no qual fronteiras se movem e línguas rivais se intrometem, adotei a política de usar nomes apropriados ao período analisado.

Assim, para citar como exemplo a cidade ucraniana agora chamada de Lviv: em setembro de 1939 era a cidade polonesa de Lwów, mas sob controle soviético o nome foi russificado para ЛЬВОВ (transliterado como Lvov). A propósito, a moderna versão ucraniana, Lviv, só foi adotada oficialmente com a dissolução da União Soviética (URSS), em 1991.

Além disso, as formas traduzidas já consagradas pelo uso comum — como Varsóvia, Brest ou Moscou — foram naturalmente adotadas.

POLÔNIA DIVIDIDA
 Polônia sob ocupação
 alemã e soviética
 setembro 1939-junho 1941



	Anexado ao Reich	} Ocupados pela Alemanha nazista
	Governo Geral	
	Administrado pela Lituânia	
	Anexado pela URSS	
	Fronteira polonesa pré-guerra	

**PROVÍNCIAS DA POLÔNIA ORIENTAL
SOB OCUPAÇÃO SOVIÉTICA:
outubro 1939**


Antiga fronteira da Polônia oriental
 "Fronteira da Paz": linha da partição
 entre a Alemanha nazista e a URSS. ———
 Fronteira internacional em outubro de 1939 - - -



FINLÂNDIA EM 1940

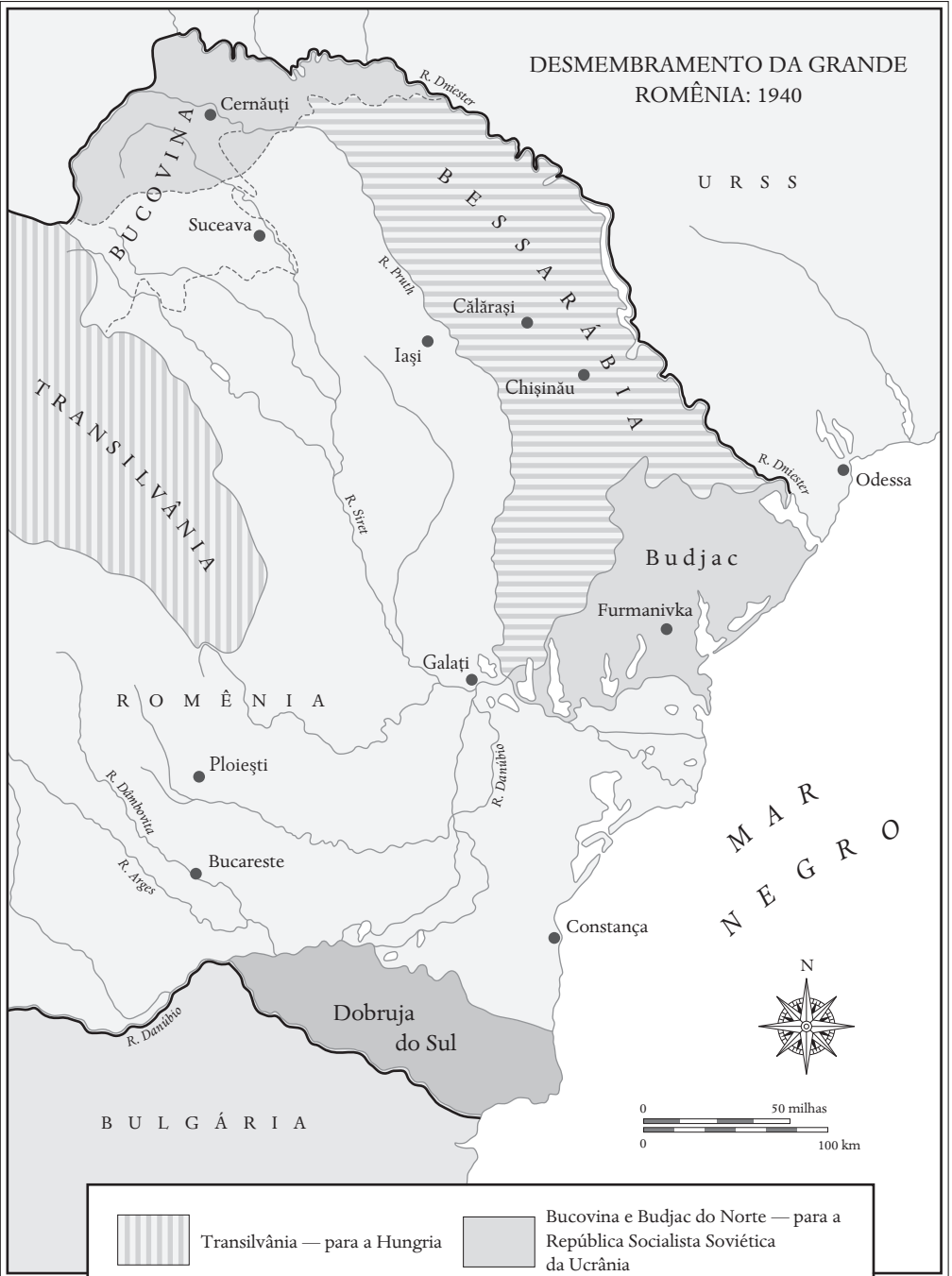
MAR DE BARENTS








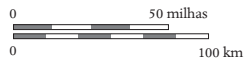
 Território cedido à URSS sob o Tratado de Moscou, 1940



DESMEMBRAMENTO DA GRANDE ROMÊNIA: 1940








	Transilvânia — para a Hungria		Bucovina e Budjac do Norte — para a República Socialista Soviética da Ucrânia
	Dobruja do Sul — para a Bulgária		Bessarábia — para a República Socialista Soviética da Moldávia
 Fronteira da “Grande Romênia”, 1939			



“VAMOS DIVIDIR O MUNDO TODO”:
Europa nas vésperas da Operação Barbarossa,
junho de 1941



	Países neutros		União Soviética
	Forças Aliadas e suas áreas de ocupação		Países alinhados com o Eixo
			Forças do Eixo, seus aliados e áreas de ocupação

Cronologia

1939

Março

- 10 Discurso de Stálin no 18º Congresso do Partido Comunista
- 15 Forças alemãs ocupam a Boêmia e a Morávia
- 31 Grã-Bretanha estende garantia à Polônia e à Romênia

Maio

- 3 Stálin substitui o ministro do Exterior Maxim Litvinov por Vyacheslav Molotov

Agosto

- 12 Conversações anglo-franco-soviéticas começam em Moscou
- 19 Acordo de Crédito Germano-Soviético é assinado em Berlim
- 21 Conversações soviéticas com britânicos e franceses são suspensas
- 23 Tratado Germano-Soviético de Não Agressão, ou Pacto Nazi-Soviético, é assinado em Moscou
- 25 Aliança Militar Anglo-Polonesa é assinada em Londres
- 31 Forças soviéticas derrotam os japoneses em Khalkhin Gol

Setembro

- 1 Forças alemãs invadem a Polônia
- 3 Grã-Bretanha e França declaram guerra à Alemanha
- 15 Forças soviéticas fazem acordo de cessar-fogo com os japoneses na Manchúria
- 17 Forças soviéticas invadem a Polônia
- 22 Forças alemãs e soviéticas organizam parada militar conjunta em Brest-Litovski
- 28 Tratado de Demarcação e de Amizade Germano-Soviético é assinado em Moscou
- 28 Tratado Soviético-Estoniano de Assistência Mútua é assinado em Moscou

Outubro

- 5 Tratado Soviético-Letão de Assistência Mútua é assinado
- 6 Últimos bolsões de resistência polonesa são derrotados
- 10 Tratado Soviético-Lituano de Assistência Mútua é assinado

Novembro

- 26 Incidente de Mainila dá a Moscou um casus belli contra a Finlândia
- 30 Forças soviéticas invadem a Finlândia

1940

Fevereiro

- 10 Início da primeira deportação soviética em massa da Polônia
- 11 Acordo comercial germano-soviético é assinado

Março

- 12 Tratado de Moscou é assinado entre a Finlândia e a União Soviética pondo fim à Guerra de Inverno

Abril

- 3 Início dos massacres de Katyn
- 9 Forças alemãs invadem a Noruega e a Dinamarca
- 13 Início da segunda deportação soviética em massa da Polônia

Maio

- 10 Forças alemãs invadem a França e os Países Baixos
- 31 O cruzador pesado *Lützow* chega a Leningrado

Junho

- 15 Forças soviéticas invadem a Lituânia
- 17 Forças soviéticas invadem a Estônia e a Letônia
- 22 Armistício é assinado entre a Alemanha e a França
- 28 Romênia cede a ultimato soviético e se retira das províncias da Bessarábia e da Bucovina do Norte
- 30 Início da terceira deportação soviética em massa da Polônia
- 30 Ocupação soviética da Bessarábia e da Bucovina do Norte é concluída

Julho

- 14-15 Eleições fraudulentas são realizadas na Letônia, na Lituânia e na Estônia

Agosto

- 2 Moldávia (Bessarábia) se torna uma república da União Soviética
- 3 Lituânia se torna uma república da União Soviética
- 5 Letônia se torna uma república da União Soviética
- 6 Estônia se torna uma república da União Soviética

Setembro

- 27 Pacto Tripartite é assinado entre a Alemanha, a Itália e o Japão — estabelecendo as potências do Eixo

Novembro

- 12 Molotov chega a Berlim para conversas com Hitler
- 20 Hungria se junta ao Eixo
- 23 Romênia se junta ao Eixo

Dezembro

- 1 Tratado Germano-Soviético de Impostos e Pedágios é assinado
- 17 Conferência do Danúbio é suspensa num clima de animosidade

- 18 Hitler dá a ordem para a Operação Barbarossa, o ataque à União Soviética
- 23 Abertura da Conferência do Alto-Comando do Exército Vermelho em Moscou

1941

Janeiro

- 10 Acordo Germano-Soviético de Demarcação e Comércio é assinado

Março

- 1 Bulgária se junta ao Eixo
- 25 Iugoslávia se junta ao Eixo
- 27 Golpe de Estado na Iugoslávia

Abril

- 6 Tratado Soviético-Iugoslavo de Amizade e Não Agressão é assinado
- 6 Forças alemãs invadem a Iugoslávia
- 13 Pacto de Neutralidade Soviético-Japonês é assinado em Moscou

Maiο

- 4 Stálin é nomeado presidente do Conselho de Comissários do Povo
- 10 Rudolph Hess voa para a Escócia

Junho

- 12 Deportação soviética em massa começa na Bessarábia
- 14 Deportação soviética em massa começa na Estônia, na Letônia, na Lituânia e nos territórios ocupados no leste da Polônia
- 22 Alemanha ataca a União Soviética – Operação Barbarossa

Julho

- 12 Acordo Anglo-Soviético é assinado em Moscou
- 30 Acordo Sikorski-Maisky é assinado em Londres, reatando as relações polaco-soviéticas

Introdução

Em 23 de agosto de 1939, Stálin bebeu à saúde de Hitler. Embora os dois ditadores nunca tenham se encontrado, o acordo que forjaram naquele dia mudaria o mundo. Como o “Pacto Nazi-Soviético”, o “Pacto Hitler-Stálin” ou o “Pacto Molotov-Ribbentrop” esteve em vigor durante menos de dois anos – terminando com o ataque de Hitler à União Soviética de Stálin em 22 de junho de 1941 –, mas foi, apesar de tudo, um dos acontecimentos de maior destaque da Segunda Guerra Mundial.

Quando comecei a fazer pesquisas para este livro, de vez em quando amigos e conhecidos fora dos círculos de especialistas em história me perguntavam em que eu estava trabalhando, e minha resposta era: “no Pacto Nazi-Soviético”. Os olhares vazios e as testas franzidas que eu via em reação às minhas palavras diziam tudo. Exceto na Polônia e nos países bálticos, o pacto simplesmente não faz parte da nossa narrativa coletiva da Segunda Guerra – embora eu esteja firmemente convencido de que deveria fazer.

Nossa ignorância sobre o assunto é espantosa. Enquanto todas as demais curiosidades, campanhas ou catástrofes da Segunda Guerra Mundial têm sido interpretadas e reinterpretadas, avaliadas e reavaliadas, o pacto permanece basicamente desconhecido – em geral mencionado num único parágrafo, posto de lado como duvidosa anomalia, uma nota de rodapé da história mais ampla. É instrutivo, por exemplo, que quase todas as histórias populares da Segunda Guerra Mundial recém-publicadas na Grã-Bretanha lhe deem

pouquíssima atenção. Jamais se considera que justifique um capítulo, e quase sempre rende pouco mais do que um ou dois parágrafos e um punhado de referências de índice.

Quando se leva em conta o óbvio significado e a magnitude do pacto, é bastante surpreendente. Sob seus auspícios, Hitler e Stálin, os dois mais abomináveis ditadores da Europa do século XX, descobriram uma causa comum. Os dois regimes, cujo confronto posterior seria o enfrentamento determinante da Segunda Guerra Mundial na Europa, estiveram lado a lado por 22 meses, quase um terço de toda a duração do conflito.

Talvez tenhamos esquecido a relação existente, mas o pacto levou diretamente à eclosão da guerra; isolando a Polônia entre dois vizinhos malévolos e frustrando os esforços desconexos das potências ocidentais para conter Hitler. A guerra que veio em seguida, portanto, trazia o odioso carimbo do pacto. Enquanto as potências ocidentais resistiam à chamada “Guerra de Mentira”, a Polônia foi invadida e dividida entre Moscou e Berlim. Com a conivência de Hitler, os independentes países bálticos foram ocupados e anexados por Stálin, assim como a província romena da Bessarábia. A Finlândia também foi invadida e conquistada pelo Exército Vermelho. Quando Hitler se voltou para o oeste, invadindo primeiro a Escandinávia, em seguida os Países Baixos e a França, Stálin enviou felicitações. Enquanto isso, nos bastidores, os nazistas e os soviéticos trocavam segredos, projetos, tecnologia e matérias-primas, lubrificando as engrenagens de suas respectivas máquinas de guerra. Por um tempo parecia que as duas ditaduras — ou a “Teutoslávia”, como um político britânico as chamava — tinham se juntado contra o mundo democrático. Os britânicos e franceses chegaram até a pensar num ataque preventivo à União Soviética em 1940.

Esse aspecto da beligerância soviética é mais do que apenas uma curiosidade. Os escritos do pós-guerra sobre o Pacto Nazi-Soviético — na medida em que existem — tendem a repetir mecanicamente a justificativa do Kremlin de que, ao assinar o pacto, Stálin quis apenas ganhar tempo, mantendo Hitler à distância enquanto preparava as defesas soviéticas para enfrentar um esperado ataque. Entretanto, essa interpretação, ainda apregoada pelos apologistas, não condiz com as provas. Como este livro demonstra, Stálin foi muito mais proativo e antiocidental ao assinar o pacto do que convencionalmente se julga. Pelo menos num sentido, buscava explorar a agressão nazista em benefício

próprio, a fim de acelerar a queda do Ocidente e o tão esperado colapso do mundo capitalista. Um “neutro” relutante e passivo é o que ele não era.

Visto dessa maneira, como o foi por muitos contemporâneos seus, não é de surpreender que o Pacto Nazi-Soviético tenha virado o mundo político de cabeça para baixo, transformando, como disse memoravelmente um analista, “todos os nossos isms em wasms”. Foi uma disputa apertada, mas os soviéticos e o mundo comunista foram os que sofreram danos mais profundos com essa associação. Enquanto o nazismo praticamente já não tinha nenhum capital moral sobrando em 1939, e logo se desgraçaria de vez lançando o Holocausto, o comunismo ainda se comprazia em ostentar o seu aspecto moral. As acrobacias que membros leais foram obrigados a fazer então para acomodar Hitler e os nazistas como aliados fraternos eram ainda mais humilhantes; conseqüentemente a filiação ao partido sofreu uma queda, e a pouca integridade política que os comunistas aparentavam ter fora do seu próprio meio esfumou-se numa lufada de dialética retorcida. O pacto com Hitler deixou uma mancha indelével no comunismo mundial, assim como a invasão soviética da Hungria em 1956, ou a supressão da Primavera de Praga em 1968. Só a disputada vitória de Stálin contra o nazismo depois de 1941 resgataria temporariamente sua reputação manchada.

Portanto, o Pacto Nazi-Soviético teve imensa influência, mas, fora da alta política e da ideologia, a Europa Ocidental e a Oriental sentiram de modo mais agudo suas funestas conseqüências, pois tiveram cerca de 50 milhões de pessoas diretamente afetadas. Ao facilitar a guerra de Hitler, o pacto abriu caminho para a brutal ocupação do oeste da Polônia, com todas as crueldades e injustiças concomitantes. Apesar de o Holocausto propriamente dito ainda não vigorar nesse período — começou para valer no outono de 1941 —, poloneses e judeus na Polônia ocupada pelos nazistas foram submetidos a um horrendo regime de exploração e perseguição, com centenas de milhares expropriados, deportados ou mortos.

O pacto afetou também os poloneses, judeus, letões, estonianos, lituanos, bielorrussos, ucranianos e romenos que se tornaram cidadãos soviéticos sob sua égide, tendo suas pátrias anexadas pela URSS. Uns poucos, certamente, gostaram da mudança. A ampla maioria não gostou. Quantidades imensas foram vítimas de perseguição, tortura e morte nas mãos soviéticas, sendo os exemplos mais notáveis os 22 mil oficiais do Exército polonês e funcionários poloneses mortos nos massacres de Katyn em 1940.

Muitos outros sofreram deportação e exílio para o interior soviético. Só do leste da Polônia, 1,5 milhão de pessoas foram deportadas em 1940 e 1941. Dezenas de milhares foram deportadas também dos países bálticos e da Bessarábia. Todos tiveram por destino as profundezas inóspitas da URSS – Cazaquistão, Sibéria, o norte polar – e uma vida de trabalhos forçados e miséria nos gulags, onde só os mais fortes sobreviveriam. Para aqueles que têm dúvidas sobre a triste realidade dos gulags de Stálin, vale a pena lembrar que os campos soviéticos ostentavam um índice de mortalidade mais alto que o dos campos de concentração de Hitler. Alguns desses sobreviventes e seus descendentes estão lá até hoje.

É francamente um escândalo que esse sombrio capítulo não encontre lugar na narrativa ocidental da Segunda Guerra Mundial. Seis décadas após a morte de Stálin, e mais de vinte anos depois do desaparecimento da União Soviética, já é hora de mudar esse quadro, pois assim como Hitler fez a “limpeza étnica” das terras sob seu controle, Stálin fez a “limpeza política” daquelas sob o seu. Apesar disso, embora os crimes de Hitler sejam documentados e bem conhecidos, discutidos na mídia e tema de currículos de escolas e universidades no mundo inteiro, os crimes de Stálin mal penetram a consciência pública. Na verdade, Hitler e Stálin eram pássaros da mesma plumagem totalitária e, longe de ser uma anomalia, o Pacto Nazi-Soviético deveria ser visto como sintomático da sua misantropia comum.

É importante deixar claro que o Pacto Nazi-Soviético não foi propriamente uma aliança, mas um tratado de não agressão. Em consequência, com exceção do título metafórico usado aqui – *O pacto do diabo* –, de modo geral evito me referir a Hitler e a Stálin como “aliados” ou a sua colaboração como “aliança”, embora esse esclarecimento não deva nos cegar para o fato de que a relação nazi-soviética entre 1939 e 1941 foi profundamente importante, consistindo em mais quatro acordos depois do pacto de agosto de 1939 e, portanto, quase uma aliança em muitos sentidos. Certamente foi muito mais vital e decisiva para os dois lados do que, por exemplo, a aliança de Hitler com a Itália de Mussolini. Hitler e Stálin só não eram aliados no nome.

Embora tenha expirado em 1941, o pacto teve uma curiosa sobrevida. Rasgado pelos nazistas e justificado pelos soviéticos como uma necessidade estratégica, seus efeitos persistiram muito tempo depois de sua morte. A rigor, o mapa da Europa Oriental e Central que vemos hoje é basicamente produto

dele: as fronteiras traçadas às pressas por Ribbentrop e Molotov se mostraram surpreendentemente duradouras. Mais imediatamente, duas gerações de lituanos, letões e estonianos tiveram que suportar a vida dentro da odiada URSS, onde amargas lembranças da anexação e ocupação soviética de 1940 e 1941 alimentariam movimentos de resistência no pós-guerra. Poeticamente, o que iniciou o processo de dissolução da URSS foram os protestos nos países bálticos no quinquagésimo aniversário da assinatura do pacto, em 1989.

Apesar de sua brevidade — durou apenas 22 meses, e seus sete curtos parágrafos têm menos de 280 palavras —, o Pacto Nazi-Soviético foi determinante. Longe de ser uma atração secundária ou uma curiosidade, tem importância vital para a nossa compreensão não apenas da Segunda Guerra, mas também da história mais ampla da Europa do século XX. Merece ser completamente resgatado das notas de rodapé e reconduzido ao seu devido lugar em nossa narrativa coletiva da Segunda Guerra Mundial na Europa. Só espero que este livro contribua um pouco para esse processo.

Prólogo

Um encontro na fronteira da paz

Não foi provavelmente o estrondo de tanques que surpreendeu os moradores de Brest naquela manhã fria de setembro de 1939. A cidade do leste da Polônia estava ocupada por forças alemãs havia quase uma semana, portanto eles se habituaram sombriamente ao barulho de ordens dadas aos berros e do tráfego militar. As vozes os deixavam abalados. Dessa vez, não a áspera e gutural entonação do alemão, mas o ritmo monótono e cantado de uma língua muito mais próxima da sua, e imediatamente reconhecível: o russo.

Para alguns moradores de Brest, a chegada do Exército Vermelho foi vista como uma libertação. Muitas pessoas nas comunidades bielorrussa e judia viam a União Soviética como uma proteção contra o que consideravam o intolerante nacionalismo do Estado polonês. Em alguns subúrbios orientais, portanto, havia um clima de comemoração, com a tradicional saudação eslava de pão e sal oferecida aos soldados que chegavam, enquanto uma banda tocava o hino soviético, a *Internacional*.¹ Outros eram muito mais cautelosos. A população polonesa da cidade tinha vivido semanas de tribulações, preocupada com a situação militar, temendo a chegada de tropas alemãs ou o uso de gás venenoso, e com receio de que os vizinhos bielorrussos se voltassem contra ela. Aqueles com mais memória deviam se lembrar da Guerra Polaco-Soviética de 1920-1, ou das longas décadas de ocupação russa que precederam 1914, apenas uma geração antes. Para esses, a chegada de tropas soviéticas era um eco de tempos sombrios e do sinistro presságio de dias difíceis à frente.

As tropas soviéticas, por sua vez, pouco faziam para aliviar a tensão. Em geral maltrapilhas e desgrenhadas, evidentemente tinham ordens de não interagir com os moradores, embora pareça que não lhes restasse opção além de pedir aos camponeses que lhes dessem comida ou trocassem seus cansados cavalos.² Em todo caso, às vezes eram abordados pelos bravos ou pelos curiosos. Um desses últimos foi Svetozar Sinkevich, um bielorrusso de quinze anos, inicialmente animado com a chegada do que chamava de “seu” povo. A decepção não demorou: “Tinham rosto pálido, não se barbeavam”, recordou,

sobretudos e curtas jaquetas acolchoadas pareciam folgadas, a parte superior das botas era de um material parecido com lona. Fui até um caminhão e tentei conversar com os soldados, mas eles ficaram calados, evitando me olhar. Finalmente um deles, de boné e uma estrela na manga, disse que o Partido tinha mandado o Exército Vermelho para nos libertar dos proprietários de terras e capitalistas poloneses. Fiquei perplexo.³

Muitos em Brest também teriam ficado confusos. Historicamente, pelo menos, a cidade estava acostumada à violenta intromissão do mundo exterior. Em seus novecentos anos de vida fora repetidamente disputada por poloneses, mongóis, russos, suecos e Cavaleiros Teutônicos. Os moradores mais velhos se lembravam de períodos de considerável agitação. Em 1915, os russos haviam abandonado a cidade a uma ocupação alemã que durou até o fim da Primeira Guerra Mundial. Depois, com o colapso do Império Russo em 1917, a cidade apareceu em manchetes do mundo inteiro pela primeira vez. Como “Brest-Litovski”, fora palco das negociações germano-soviéticas e do tratado de paz de março de 1918 entre os dois lados, que levaria o seu nome.

Em 1939, porém, os acontecimentos se sucederam com uma rapidez que teria sido inimaginável uma geração antes. Longe da imobilidade pesada e sem saída da Primeira Guerra Mundial, a campanha polonesa de 1939 tinha testemunhado um pouco da revolução das táticas militares. Embora não se desenvolvesse organicamente, e ainda estivesse por alcançar o status de doutrina militar oficial, a Blitzkrieg, com céleres pontas de lança blindadas penetrando fundo na retaguarda do inimigo para desorganizar defesas, anunciou o advento de uma nova era no pensamento tático. Assim, apesar de localizada no interior do leste da Polônia, Brest logo se viu no foco do avanço alemão, basicamente

por causa da formidável fortaleza do século XIX em sua borda ocidental, que poderia servir como ponto forte defensivo para as acudadas forças polonesas.⁴ O avanço alemão foi tão rápido, na verdade, que quando seus exércitos apareceram diante de Brest em 13 de setembro, menos de duas semanas depois do início da invasão, houve quem acreditasse que os soldados só podiam ser paraquedistas, lançados atrás das linhas polonesas.⁵

Confusão ainda era a ordem do dia quando o Exército Vermelho chegou à cidade cinco dias depois. Fora os que correram para saudar os soviéticos como libertadores, outros cidadãos esperavam ardentemente que o Exército Vermelho estivesse chegando para ajudá-los contra os invasores alemães, ficção propagada, é evidente, por elementos das Forças Armadas polonesas.⁶ Todavia, declarações oficiais das autoridades soviéticas — divulgadas em tradução polonesa pelo comando local da Wehrmacht, num exemplo de colaboração entre os dois — frustrariam todas as esperanças, ao afirmar categoricamente que a invasão do Exército Vermelho era apenas o resultado do suposto colapso militar e político da Polônia, e visava apenas proteger os ucranianos e bielorrussos que lá viviam.⁷ Longe de se apressarem a lutar contra a Wehrmacht invasora, então, aqueles soldados soviéticos — viajando na carroceria aberta de caminhões ou pendurados nas laterais de tanques — passavam pela cidade para ir saudar seus colegas alemães.

No fim da manhã de 18 de setembro, os primeiros contatos foram feitos. Em toda a cidade, tropas alemãs e soviéticas começaram a confraternizar: o verde-oliva se encontrava com o “verde-cinza”, a vanguarda da revolução comunista de Stálin face a face com a Wehrmacht de Hitler. Cautelosamente de início, conscientes das tensas relações do passado, os dois lados compartilharam rações e se comunicavam entre si o melhor que podiam, usando a linguagem de sinais e boa vontade. Um jeito fácil de se aproximar era dividir cigarros: *papirosi*, exemplares toscos, enrolados à mão, do lado soviético, eram trocados por produtos manufaturados alemães, muito valorizados pelos soldados do Exército Vermelho. Tanques e carros blindados eram escalados e inspecionados, com a inevitável réplica de ambos os lados segundo a qual “os nossos são melhores”. Apesar das diferenças ideológicas, os sorrisos daquele dia parecem ter sido genuínos. Uma testemunha ocular lembrava-se de ter visto soldados da Wehrmacht de um lado da rua saudando os colegas soviéticos do outro com as palavras: “Comunistas! Ótimo!”⁸

Houve contato também em níveis mais altos. Por volta das 10h30, um jovem oficial soviético chegou num carro blindado ao quartel alemão na cidade. De acordo com registros alemães da época, as discussões que se seguiram foram “amistosas”, concentradas, essencialmente, em estabelecer uma linha de demarcação entre as forças soviéticas e as alemãs.⁹ O comandante alemão local, general Heinz Guderian, era bem menos entusiástico. Tinha vivido dias difíceis, perdendo seu ajudante, o tenente-coronel Robert Braubach, alvejado por um franco-atirador polonês — uma “perda dolorosa” —, e em seguida teve que ajudar o bispo de Danzig, Edward O’Rourke, que fora parar na zona de guerra e não queria cair em mãos soviéticas. Consequentemente, estava frustrado com o fato de o prazo combinado para a retirada alemã de Brest, dois dias depois, dar aos seus soldados tão pouco tempo para evacuar feridos ou recuperar veículos danificados.¹⁰ Mesmo assim, o oficial soviético recebeu almoço, e um acordo foi firmado marcando a transferência formal da cidade para controle soviético na tarde de 22 de setembro.

Na manhã da entrega, os preparativos transcorreram sem percalços. Nos termos do acordo, forças soviéticas assumiram o controle exclusivo da cidade e de sua fortaleza às oito da manhã. Duas horas depois, uma comissão conjunta se reuniu para esclarecer quaisquer pontos remanescentes de confusão ou atrito. Logo após, Guderian teve um encontro com seu homólogo, o brigadeiro-general Semyon Krivoshein, comandante da 29^a Brigada de Tanques Leves soviética. Comunista apaixonado e judeu, Krivoshein era um homem baixo, rijo, que ostentava um bigode hitleriano estilo escovinha. Como Guderian, era pioneiro no uso de tanques; aliás, é possível que os dois se conhecessem da época que passaram na escola de tanques de Kama, em Kazan, nos anos 1920, durante um primeiro desabrochar de colaboração germano-soviética. Falando em francês, ele e Guderian discutiram a organização de uma parada militar conjunta para assinalar a entrega formal da cidade. Krivoshein, embora não demonstrasse total entusiasmo, declarando que seus soldados estavam cansados depois da longa marcha para oeste,¹¹ concordou em liberar duas unidades para tomar parte numa revista de tropas da Wehrmacht e do Exército Vermelho naquela tarde.

Às quatro da tarde, os dois generais voltaram a se reunir numa plataforma de madeira construída às pressas na frente da entrada principal do ex-comando alemão, o prédio da administração regional na rua União de Lublin. Parado

diante de um mastro com a *Kriegsflagge*, a bandeira alemã com a suástica, hasteada, Guderian sorria ostensivamente, parecendo resplandecer em seu sobretudo alinhado vermelho e suas botas de couro pretas de cano alto. Ao seu lado, Krivoshein estava igualmente paramentado, com casaco cintado e botas de couro para proteger do frio do outono.

Cercando os dois, depois de um grupo de militares alemães de alta patente, uma multidão mista de soldados da Wehrmacht e do Exército Vermelho aglomerava-se na rota da parada — bolsões de verde-cinza alemão misturados com os casacos de couro preto dos oficiais soviéticos, o briche verde-oliva da infantaria e os macacões escuros das guarnições de tanques. Atrás deles, civis ladeavam a rua. Entre esses estava Raisa Shirnyuk, de vinte anos, que se lembrava de como a notícia da parada se espalhou: “Não houve anúncio oficial”, disse. “Mas a central de boatos funcionou bem; naquela manhã todo mundo na cidade já sabia que as tropas iam desfilar.”¹² Segundo um relato alemão, a multidão era entusiástica, formada basicamente de comunidades não polonesas de Brest — bielorrussos e judeus — que deram as boas-vindas ao Exército Vermelho com flores e vivas.¹³

Ao retinir de uma banda militar, a parada começou. A infantaria alemã abriu caminho, seus elegantes uniformes e seus precisos passos de ganso provocando comentários de admiração das multidões ali reunidas. Raisa Shirnyuk foi uma das que ficaram impressionadas com o porte militar, notando que seu comandante mantinha os homens em fila, berrando “*Langsam, langsam, aber deutlich!*” [“Devagar, devagar, mas com distinção!”].¹⁴ Unidades motorizadas vieram em seguida: motocicletas com sidecars, caminhões e viaturas meia-lagarta carregados de soldados e rebocando peças de artilharia. Tanques também chacoalhavam pelas ruas de paralelepípedos. Ao passar pela tribuna, cada grupo arrancava vigorosas continências de Guderian e Krivoshein, que passavam momentos de amigável conversa.

Inevitavelmente, alguns assistentes fizeram comparações entre as duas forças em exibição. Os tanques soviéticos T-26, um tanto primitivos, por exemplo, contrastavam obviamente com veículos mais modernos da Wehrmacht, especialmente quando um dos antigos tanques saiu da estrada não muito longe da tribuna.¹⁵ Stanislav Miretski notou outras diferenças: os cintos dos soviéticos eram de lona e não de couro, como os dos alemães, e enquanto estes empregavam caminhões para rebocar sua artilharia, o Exército Vermelho usava

cavalos “atrofiados e feios”, com arreios de qualidade inferior.¹⁶ Raisa Shirnyuk concordava, observando que os soldados do Exército Vermelho, com suas “botas sujas, seus sobretudos empoeirados e a barba por fazer”, contrastavam desfavoravelmente com os colegas alemães.¹⁷ Outra testemunha tirou uma conclusão arrepiante da má aparência da infantaria soviética. Boris Akimov estava acostumado a ver oficiais poloneses vestidos com elegância, por isso a “pobreza e o desmazelo” do Exército Vermelho o chocaram. Mas o mau cheiro e a sujeira levantaram uma questão bem mais profunda: “Que tipo de vida”, perguntou-se, “eles vão nos trazer?”.¹⁸ Uma resposta foi dada de certa forma quando uma senhora idosa abriu caminho na multidão para se aproximar dos soldados soviéticos com lágrimas nos olhos, balbuciando: “Minha gente, meus meninos”. Para espanto dos que assistiam à cena, ela foi rudemente empurrada por um soldado, aos berros de: “Volte para lá, mulher!”.¹⁹

Enquanto o equipamento militar se arrastava pesadamente, provocando reflexões sobre o futuro, a atenção da multidão se voltou para o céu quando uns vinte caças da Luftwaffe passaram voando baixo sobre a tribuna. Guderian, esforçando-se para ser ouvido em meio ao rugido dos motores, gritou “Ases alemães! Fabulosos!”. “Temos os melhores!”, respondeu Krivoshein, decidido a não se deixar impressionar pela demonstração do poderio aéreo alemão.²⁰

Depois de cerca de 45 minutos, quase no fim da parada, Guderian, Krivoshein e os oficiais superiores que os cercavam voltaram o rosto para o mastro da bandeira. Enquanto a banda militar executava o hino nacional alemão, *Deutschland, Deutschland über alles*, e os oficiais faziam uma saudação solene, a *Kriegsflagge* vermelho-sangue foi arriada, para ser substituída pelo vermelho ainda mais escuro da bandeira soviética com a foice e o martelo. Então, a banda executou a *Internacional* — fora do tom, de acordo com uma testemunha — antes que Guderian e Krivoshein trocassem um último aperto de mãos.²¹ Em seguida o general alemão juntou-se aos seus homens, partindo para o oeste através do rio Bug, a nova fronteira germano-soviética. Como disse Krivoshein: “Finalmente, a parada tinha acabado”.²²

Em suas memórias do pós-guerra, sem dúvida consciente da natureza bastante comprometedoras do que aconteceu em Brest, Krivoshein deu grande ênfase à sua relutância no trato com Guderian e os alemães, criando a impressão de que “tapou o nariz” o tempo todo. Alegava ter incumbido os soldados de executarem tarefas de manutenção, deixando apenas um batalhão para tomar

parte na parada e sugerindo, maliciosamente, que os soldados e as máquinas de Guderian davam voltas no quarteirão para parecerem mais numerosos que de fato eram.²³ Apesar desses protestos posteriores de resistência, os verdadeiros sentimentos de Krivoshein talvez apareçam melhor no relato de dois repórteres de guerra alemães que conseguiram falar com ele no dia seguinte, em seu posto de comando nas proximidades. Eles notaram que o brigadeiro-general soviético estava de ótimo humor, oferecendo-lhes um lauto almoço e erguendo um brinde a Hitler e Stálin, “homens do povo”. Quando os jornalistas se despediram, ele até lhes deu seu endereço em Moscou, convidando-os para visitá-lo “depois da vitória contra a capitalista Albion”.²⁴ Parece que a política é capaz de fazer coisas estranhas com a memória das pessoas.

Enquanto a mídia soviética aparentemente não mencionou a parada em Brest, a máquina de propaganda alemã lhe deu grande destaque, descrevendo-a como um “encontro na fronteira da paz”.²⁵ Imagens granuladas dos tanques e demais veículos passando devagar em frente à tribuna foram devidamente incluídas nos cinejornais semanais exibidos nos cinemas do Reich de Hitler naquele outono. O valor propagandístico das imagens era imenso, oferecendo uma notável confirmação visual do acordo nazi-soviético forjado nos meses anteriores. Para que ninguém tivesse dúvidas, o comentário dos cinejornais escarnecia dos inimigos da Alemanha, declarando que o encontro com os soviéticos em Brest tinha “afundado de vez os piedosos planos das democracias ocidentais”.²⁶

Um repórter alemão foi ainda mais longe. Em artigo para o jornal do Partido Nazista, o *Völkischer Beobachter*, Kurt Frowein descreveu a cena num arroubo lírico: mencionou o “vivo dia de outono”, o “aumento progressivo do barulho das esteiras dos tanques”, a homenagem a uma cidade “capturada com armas alemãs [...] sendo devolvida a quem de direito”. Para ele, o aperto de mãos entre Guderian e Krivoshein foi “um símbolo da amistosa união de dois países” anunciando “que a Alemanha e a Rússia estão unidas para decidir, conjuntamente, o destino da Europa Oriental”.²⁷ Frowein estava certo ao usar essa linguagem hiperbólica. Os acontecimentos daquele dia significavam um abalo sísmico político tão grande que suas palavras teriam sido inimagináveis menos de um mês antes.

Para quem tinha levado a sério as invectivas e os insultos que a União Soviética e a Alemanha nazista vinham trocando entre si nos seis anos anteriores,

aqueles dias foram muito estranhos. A parada em Brest demonstrou vividamente a realidade e vigência do pacto acertado um mês antes em Moscou, com tanques e soldados agora substituindo as imagens de homens sorridentes em salas enfumaçadas do Kremlin. Como os acontecimentos em Brest mostravam, as duas mais poderosas ditaduras da Europa, cuja amarga inimizade basicamente definira os anos 1930, estavam agora lado a lado, como aliadas, colaborando para juntas conquistarem os vizinhos.

Observadores contemporâneos ficaram perplexos. Comunistas no mundo inteiro ficaram muito insatisfeitos com a ginástica ideológica que de repente eram obrigados a fazer, enquanto muitos nazistas tinham sérias dúvidas sobre o novo colaborador e aliado de seu país. Ao mesmo tempo, no Ocidente, houve uma profunda inquietação, como se o mundo tivesse saído um pouco dos eixos e as velhas certezas políticas revelassem seu caráter meramente transitório. Muitos devem ter se perguntado como uma mudança de rumos tão peculiar tinha sido possível.